

CARAMBAIA

CORAÇÕES CICATRIZADOS
MAX BLECHER

TRADUÇÃO E POSFÁCIO
FERNANDO KLABIN

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
BERCK, A CIDADE DOS MALDITOS	
MAX BLECHER	
CORAÇÕES CICATRIZADOS	15
MAX BLECHER	
POSFÁCIO	221
FERNANDO KLABIN	

*Quel terrible souvenir à affronter*¹
Kierkegaard

Emanuel subiu a escadaria escura. O ar estava impregnado de um cheiro de farmácia e borracha queimada. No fim do corredor estreito, reconheceu a porta branca que lhe fora indicada. Entrou sem bater.

O aposento em que se viu parecia ainda mais velho e mofado que o corredor. A luz entrava pela única janela, espalhando uma claridade azul e hesitante por sobre a bagunça da salinha, com revistas desarrumadas por toda parte, cobrindo a mesa de mármore e as solenes cadeiras, envoltas em capas brancas como se envergassem confortáveis trajés de viagem antes da mudança.

Mais que sentar-se, Emanuel se deixou cair na poltrona. Observou, surpreso, sombras que percorriam a sala e logo descobriu que a janela dos fundos era, na verdade, um aquário em que flutuavam lentos peixes negros, gordos e de olhos esbugalhados. Por alguns segundos, ele permaneceu de olhos bem abertos, acompanhando seu preguiçoso deslizar, quase esquecendo o motivo pelo qual viera.

1. Que lembrança terrível a enfrentar.

Na verdade, para que viera até ali? Aha!, lembrou e tossiu de leve para anunciar sua presença, mas ninguém respondeu.

Suas têmporas ainda latejavam, mais por ter corrido do consultório do doutor Bertrand até ali do que por qualquer emoção genuína. Naquela sala séria e vetusta, ele se sentiu um pouco mais calmo.

Uma porta se abriu e uma mulher cruzou a salinha a passos rápidos, desaparecendo pela porta que dava para o corredor. Emanuel se arrependeu por não tê-la abordado para pedir que anunciasse sua presença.

Os peixes continuavam deslizando tristes debaixo da luz mortiça. Havia na sala tanto silêncio, tanta escuridão e tanta solidão que, se aquela situação perdurasse uma eternidade, Emanuel não teria mais nada a dizer. Pelo contrário, ele a teria aceitado com resignação, permanecendo ainda por muito tempo do lado de cá da verdade brutal que, talvez, ele haveria de descobrir dentro de poucos minutos.

Do lado de trás de uma porta, alguém deu uma tossidela, resposta atrasada à sua tosse de poucos instantes atrás.

Apareceu na soleira uma criatura diminuta, soturna, como um animal assustado saindo da toca.

— O senhor foi mandado pelo doutor Bertrand? Bom! Já sei, ele me telefonou... dores violentas no lombo, não é isso?... Uma radiografia da coluna vertebral.

O homúnculo esfregava nervosamente as mãos como se quisesse se livrar dos restos de terra que haviam ficado presos aos dedos enquanto cavara seu buraco.

Tinha olhinhos de toupeira, tumefatos, brilhando como ouro à luz tênue.

— Logo veremos o que é... Por favor me siga.

Emanuel o seguiu, atravessou o corredor e se viu diante de uma sala absolutamente escura. Era dali que vinha aquele cheiro pesado de borracha queimada.

Acendeu-se uma lâmpada fraca que revelou uma sala repleta de aparelhagem médica com estruturas niqueladas de canos e barras de circo.

Havia tantos cabos elétricos espalhados por toda parte que Emanuel ficou perplexo na soleira, com medo de entrar e tocar em algo que desencadeasse uma formidável corrente cheia de raios e faíscas.

— Por favor!... por favor... — disse-lhe o médico, quase pegando-o pela mão. — O senhor pode se despir aqui...

E o médico lhe apontou um baú de parafusos, uma máquina enigmática que às vezes servia, pelo visto, como sofá. Emanuel cometeu, pela primeira vez na vida, o gesto, tão simples e tão íntimo, de tirar as roupas numa circunstância tão solene.

O médico continuou fumando, atirando com indolência as cinzas no assoalho, no assoalho daquela terrível sala científica em que cada centímetro quadrado parecia estar imbuído de mistérios e eletricidade.

— Tire só a camisa...

Emanuel estava pronto. Começou a tremer.

— Está com frio? — perguntou o médico. — Vai durar só um minutinho.

O contato gélido e cortante com a mesa de lata sobre a qual se deitara o permeou com um calafrio ainda mais intenso.

— E agora, atenção... quando eu disser, segure a respiração... quero que a radiografia saia bem.

O médico abriu e fechou uma caixa metálica. A lâmpada apagou. Um tinido produziu um clique preciso. Uma alavanca caiu categórica, com um corte linear na escuridão. A corrente elétrica começou a vibrar surda como um animal irritado. Tudo se desenrolava metálica e precisamente, como naqueles jogos em que uma bola niquelada exige nossa atenção, caindo com exatidão de compartimento em compartimento...

— Agora! — disse o médico.

Emanuel segurou a respiração. O coração começou a bater forte, como se ressoasse na placa sobre a qual estava deitado. Toda a escuridão retumbava em seus ouvidos.

Escutou-se mais um sussurro, que se intensificou e que se estendeu depois, bruscamente, como um carvão jogado na água.

— Já pode respirar — disse de novo o médico.

Fez-se de novo luz. Emanuel teve, de repente, um instante de extrema lucidez. Para que estava ali deitado em cima da mesa? Para quê?

Teve a absoluta convicção de estar muito doente. Tudo ao seu redor indicava isso de maneira evidente. O que significavam todos aqueles aparelhos? Com certeza não eram feitos para gente sadia.

E já que ele se encontrava ali, em meio a eles, encurralado por eles...

O médico retirou a chapa da mesa de lata.

— Por favor, não se vista ainda... deixe-me ver se ficou boa... permaneça assim... deitado.

O médico pegou o paletó de Emanuel e o colocou sobre o peito, dobrando-o com ternura; só sua mãe, na infância, cobria-o assim com o cobertor antes de dormir.

O que haveria de dizer o doutor? O que revelaria a chapa? A pavorosa chapa...

Agora se sentia bem de novo, debaixo do paletó quente e mole. Se a placa não o houvesse atravessado com aquela sua frieza repulsiva e se ele pudesse apoiar a cabeça em outra coisa que não fosse uma barra de metal, talvez tivesse adormecido. Tremia levemente por causa do frio, sentindo-se porém tomado por uma exaustão prazerosa e tranquilizadora.

No fim do corredor, em algum lugar, ouviu-se o estrépito de uma porta batendo. Era assim que a vida, à distância, continuava... Ele se sentiu retirado dela, sob o refúgio do paletó, assim como estava, pelado na mesa de radiografia.

— A chapa ficou boa — disse o médico ao sair da cabine. — Parece-me, contudo, que uma vértebra está bem afetada... Falta um pedaço de osso nela...

O médico disse tudo isso num francês rápido que Emanuel não compreendia muito bem e, ainda por cima, com interrupções, queimando os dedos com a bituca de cigarro que ele pegou de novo de uma mesinha e da qual fumava com avidez.

Emanuel ficou perplexo, não compreendera bem. Faltava-lhe um pedaço de osso na vértebra? Mas como desaparecera dali? Perguntou ao médico.

— Foi roída... roída por micróbios — respondeu o homúnculo preto. — Completamente estragada... como um dente comido pela cárie.

— Bem na coluna vertebral?

— Sim, bem na coluna... uma vértebra destruída...

“E então como é que não despenquei até agora estando em pé, se o próprio eixo de sustentação do corpo está quebrado?”, pensou Emanuel. Lembrou que deveria se vestir, mas não ousou se levantar sem infinitas precauções, apoiando-se o tempo todo nos aparelhos. No seu peito se produzira um vazio tal que era capaz de ouvir o seu zunido, claro como o murmúrio do interior de uma concha que se leva ao ouvido. O coração pulsava no vácuo com batidas amplificadas. Seu corpo podia então se esfacelar de um momento para o outro, como uma árvore partida, como uma boneca de pano.

Certa vez, na pensão em que morava, em seu quarto, ele pusera uma armadilha no chão e um rato ficou preso nela no meio da madrugada. Emanuel acendeu a luz e o viu rodando, enlouquecido de terror, na tela de arame da armadilha. Ao amanhecer, o rato não estava mais lá; conseguira abrir a portinha e escapara. Passeava, porém, pelo quarto, tão aturdido, tão assustado, em movimentos tão lentos e inseguros que podia ser apanhado com a mão. O rato chegou a passar algumas vezes em frente ao buraco do próprio esconderijo, cheirou-o um pouco mas não entrou... estava completamente desorientado pelo pavor e pela exaustão da madrugada passada na armadilha.

Emanuel, dirigindo-se ao baú com suas coisas, teve gestos precavos e suaves que o fizeram lembrar-se do rato se arrastando pelo chão. Agora, ele também mais se arrastava do que andava. Sentia-se identificado com aquele rato até o mínimo gesto. Mexia-se igualmente terrorificado, igualmente aturdido...

O médico entrou de novo na cabine. Emanuel pensou, então, bruscamente, em se suicidar, enforcando-se com o cinto das calças pendurado em uma das barras metálicas. Mas esse pensamento era tão fraco e inoperante que não continha nem mesmo a energia necessária para erguer um braço. Era, com certeza, uma

ideia excelente, tão excelente quanto, para o rato, entrar de volta em seu buraco, mas igualmente vaga e alheia à realidade.

Nem permanecera, aliás, muito tempo sozinho. O médico voltou com o clichê, ainda úmido, para lhe mostrar. Acendeu uma lâmpada mais forte e pôs a radiografia contra a luz. Emanuel observou surpreso, ausente, as sombras negras que representavam o próprio esqueleto; a mais secreta e íntima estrutura de seu corpo, ali impressa em transparências turvas e funéreas.

— Eis... aqui... É uma vértebra sadia — explicou o doutor. — E aqui, mais embaixo, aquela em que falta um pedaço de osso... vê-se bem que foi roída.

De fato, ali havia uma vértebra falha.

— Isso se chama mal de Pott... tuberculose óssea nas vértebras.

Tudo parecia claríssimo, uma vez que aquela falha tinha até mesmo um nome científico.

— Além do mais, há também algo de suspeito por aqui... — continuou o doutor, apontando para uma sombra da largura de um funil. — Temo que se trate de um abscesso... Precisaria examiná-lo no meu consultório.

Até então, o médico falara sem parar e sem olhar para Emanuel. Ao erguer os olhos e vê-lo tão pálido e estupefato, ele se apressou para dentro da cabine, deixou o clichê e, em seguida, de volta, pegou-o nas mãos e começou a sacudi-lo.

— Ei, vamos! O que é isso? Coragem... um pouco de coragem! É algo que podemos curar... o senhor vai para Berck... lá existe salvação... um pouco de coragem... um pouco de coragem!

Arrastou-o atrás de si ao longo do corredor e da vetusta salinha em que os peixes no aquário, indiferentes, continuavam cerrados em sua hermética migração.

Adentraram no consultório. Ali também as cortinas estavam fechadas, ali também estava escuro, ali também luzia uma única lâmpada em meio a uma torrente petrificada de livros e drogas medicinais. O homúnculo se movia ágil entre eles, como se os toquesse às pressas, sorvendo-lhes o cheiro como um animal.

— Vamos ver primeiro as costas — disse o doutor.

Emanuel se deitou de bruços num sofá coberto por um lençol branco.

O médico começou a apalpar, devagar, atento, de alto a baixo, toda a coluna vertebral, pressionando cada vértebra, como um afinador diante das teclas de um piano.

Num ponto pressionado com mais força, ressoou uma dor fulminante.

— É justamente o que revela a radiografia... Aqui está a vértebra doente.

E o doutor a pressionou de novo e de novo ressoou na coluna a mesma nota cristalina de dor.

— Se não for indiscrição minha, para que o senhor veio à França? — perguntou o médico enquanto o examinava. — Percebi, pelo sotaque, que é estrangeiro.

— De fato — respondeu Emanuel. — Vim estudar aqui.

— E o que exatamente o senhor estuda? — perguntou o médico de novo.

— Química — respondeu Emanuel.

— Ah! Química!... o senhor gosta de química, tem interessa por ela?

“Agora só a vida me interessa”, quis responder Emanuel, calando-se porém.

— O senhor acha que seus pais poderão prover sua manutenção aqui, num lugar à beira-mar? — continuou o médico. — O senhor precisa de muito repouso, alimentação boa... sobretudo tranquilidade... em Berck, por exemplo, num dos sanatórios às margens do oceano.

— Vou escrever para meu pai na Romênia — respondeu Emanuel. — Acho que ele vai me ajudar.

Curiosamente, a palavra “sanatório”, pronunciada pelo médico, evocou de imediato em Emanuel uma recordação suave e ensolarada como um sopro de brisa fresca na atmosfera abafada do consultório médico. No ano anterior, em Tekirghiol², onde

². Pequena localidade romena, atualmente grafada Techirghiol, a 3 km do mar Negro e às margens do lago homônimo, famosa pelos tratamentos balneoterapêuticos. [N.T.]

permanecera um mês para se tratar de um suposto reumatismo (assim todos os médicos haviam diagnosticado suas dores nas costas), o tempo todo ficara obcecado pela ideia de que muito em breve haveria de morar num sanatório. Lembrava-se agora perfeitamente de uma manhã luminosa, na praia, à sombra de um guarda-sol debaixo do qual seus amigos jogavam cartas, deitados de barriga na areia, quando lhe passou pela cabeça, de maneira repentina e absurda, que deveria se despedir deles, dizendo-lhes que se mudaria para um sanatório.

Agora, no consultório escuro, à luz clorótica da lâmpada, aquela recordação era o que podia existir de mais sereno e pleno de frescor em meio àquela papelada empoeirada.

— E agora vamos ver a barriga...

Emanuel se virou de barriga para cima. O médico passou a palma por toda a pele, deslizando-a suavemente até, de repente, se admirar e olhar fixamente nos olhos de Emanuel.

— Faz tempo que o senhor tem isso?

Mostrou-lhe, no ventre, um inchaço grosso e redondo, liso e bem delineado como um ovo que houvesse crescido ali debaixo da pele, junto ao quadril (“enorme”, pensou Emanuel, extremamente assustado). Em vão tentou se lembrar dele; jamais o vira ali. Nem mesmo o doutor Bertrand o percebera. Talvez fosse algo novo, surgido nas últimas horas.

— De qualquer modo, foi bom que termos descoberto a tempo — disse o doutor. — Se isso se rompesse, faria um belo estrago... é um abscesso frio cheio de pus, que vem do osso doente... Vai ter de ser puncionado... o pus terá de ser retirado com uma seringa.

Fazia uma hora que tantas coisas apavorantes ocorriam de maneira tão calma e sentenciosa, tantos desastres aconteciam que Emanuel, exausto de tantas notícias sensacionais num só dia, teve ganas de dar gargalhadas num segundo de vertiginosa inconsciência.

A consulta com o doutor Bertrand, a radiografia, a vértebra roída e, agora, o abscesso frio, tudo parecia uma conspiração. Ele já esperava que, de um momento para outro, o médico abrisse

uma porta e o convidasse para a sala ao lado: “Entre, por favor!... A guilhotina está pronta...”.

Mas o médico permaneceu calado, sem tirar os olhos do abscesso.

— E o que é que se pode fazer agora? — perguntou Emanuel, fraco, com uma voz de outro mundo.

— Ora essa, uma punção! — respondeu o médico. — Primeiro a punção! Recomendo que seja feita pelo próprio doutor Bertrand, que o mandou aqui para a radiografia. Posso telefonar para ele, se quiser. Tem uma mão bem firme... aliás, nem se trata de um procedimento complicado... uma mera picada com a agulha... só isso. Vou lhe telefonar pedindo que vá até sua casa levando todo o necessário. Qual é o endereço?

Enquanto o médico anotava o endereço num caderninho, Emanuel respirou fundo para se livrar da opressão. Ouvira, com respiração entrecortada, tudo o que o doutor dissera.

— Depois, passados alguns dias, o senhor irá para Berck, no litoral...

— Berck? — perguntou Emanuel. — Onde fica isso?

O médico tirou da estante uma *Larousse* enorme e abriu no mapa da França.

— Eis aqui... está vendo... o canal da Mancha... mais abaixo de Boulogne fica Berck... Não está marcado no mapa. É uma praia pequena, perdida nas dunas, uma cidadezinha costeira aonde vão doentes como você, de todas as partes do mundo, para se curar... Embora fiquem lá deitados, engessados, eles levam uma vida absolutamente normal. Até saem para passear de charrete, charretes especiais nas quais ficam deitados, puxadas por cavalos ou burrinhos.

O doutor despejava todas essas explicações num tom murmurado de erudição, olhando o tempo todo para o mapa como se lesse num dicionário tudo o que dizia.

— Mas até eu chegar em casa o inchaço não vai se romper? — perguntou Emanuel.

Gostaria de ter perguntado muitas outras coisas; se até chegar à pensão sua coluna vertebral não se romperia, se não

desabaria na rua, se sua cabeça não cairia de cima dos ombros para rolar pela calçada como uma bola de bocha. Fazia alguns minutos que se sentia muito fragilmente articulado. Nas fábricas de vidro, os operários se divertem atirando na água pedaços de material derretido que endurecem e ficam mais resistentes que o vidro comum a ponto de poderem ser atingidos até por um martelo; mas, se um pequeno fragmento se desprende deles, toda a massa se transforma em pó. Uma única vértebra esmigalhada não seria suficiente para pulverizar o corpo todo? Enquanto caminhava na rua, o osso enfermo poderia se desprender, então Emanuel desabaria na hora, restando dele apenas um montículo de cinzas fumegantes.

O doutor o tranquilizou com argumentos científicos e médicos.

No que dizia respeito aos honorários, não quis aceitar nada. “Dos estudantes não cobro...” Em seus olhinhos cintilavam vivas fagulhas. Emanuel sentiu-se permeado por uma ternura tão entorpecente que lhe vieram lágrimas aos olhos. Agradeceu ao doutor com exagerada efusão. Agarrou-se a essa gratidão com o frenesi de uma libertação. Teve vontade de se atirar aos pés dele e permanecer prostrado à sua frente.

— Obrigado, senhor doutor! (Hosana! Hosana!). — Vestiu-se às pressas e passou pela mesma salinha vetusta.

— Coragem! — disse o médico mais uma vez, nos degraus da escada, com um pequeno estalo da língua, como um domador que incita o animal a pular por dentro de um aro.

“Coragem! Coragem!”, ressoava dentro de Emanuel o eco, batendo nas paredes do peito.

Foi assim que ele logo se viu em plena rua, em plena luz do dia. Foi como uma dilatação brusca e imensa do mundo. Não é que havia também casas, asfalto de verdade e um céu longínquo, vaporoso e branco? Abandonara o mundo exterior ao adentrar nessa luz, redescobrimo-o agora idêntico, talvez mais vasto e mais deserto, dotado de muito mais ar puro e menos coisas como aqueles cômodos obscuros do apartamento do doutor. Tudo, porém, parecia muito mais triste e indiferente... Por este mun-

do, agora andava um Emanuel enfermo, com uma vértebra roída, um desgraçado cujo caminho as casas evitavam, com medo. Andava pela calçada mole como se flutuasse na consistência do asfalto. Enquanto ficara fechado no consultório, o mundo estranhamente se adelgagara. O contorno dos objetos ainda persistia, mas esse fiozinho fino que, igual ao de um desenho, rodeia uma casa para dela fazer uma casa, ou que define a silhueta de uma pessoa, aquele contorno que encerra coisas e pessoas, árvores e cachorros, mal abarcava em seus limites toda a matéria prestes a desmoronar. Teria bastado que alguém soltasse aquele fiozinho da borda das coisas para que aquelas casas imponentes, desprovidas do próprio contorno, se liquefizessem instantâneas numa matéria uniformemente turva e cinzenta.

Ele mesmo, Emanuel, não passava de uma massa de carne e osso sustentada pela rigidez de um contorno.

Surpreendeu-o o pensamento de não ter comido nada aquele dia. O que é que esse pensamento fazia ali em tal momento? Emanuel constatou, com amargor, que, num mundo tão vago e inconsistente, ainda tinha atividades precisas por cumprir.

Dirigiu-se ao restaurante. Costumava comer num pequeno restaurante estudantil no bairro antigo da cidade. Ali vinham também funcionários públicos e operários; comia-se mal e rápido, estava sempre cheio, e os fregueses esperavam em pé uma cadeira livre para ocupá-la ainda quente.

Pela primeira vez foi comer tão tarde, quando já não havia ninguém. A sala estava deserta, silenciosa e impregnada de fumaça. Num canto, as garçonetes comiam. A moça do caixa estava comendo no caixa, atrás do guichê de madeira, como se estivesse fadada a cumprir ali todas as suas funções existenciais, empoleirada na cadeira, fechada naquele rígido redil. Pairava no restaurante um silêncio assombroso, como se sucedesse um cataclismo. As cadeiras estavam espalhadas por toda parte e Emanuel só encontrou uma única mesa coberta por uma toalha branca. Todas as outras já haviam sido recolhidas.

Sentou-se devagarinho na cadeira, temendo romper o abscesso.

O projeto gráfico deste livro inspirou-se no enredo do romance para estimular, no leitor, algumas das sensações descritas pelo autor. A capa é estampada com os detalhes da trama de uma atadura, base para o gesso no qual ficará envolto o personagem principal durante boa parte da história. A orientação do texto também acompanha Emanuel e inverte-se no momento em que ele passa a viver na posição horizontal.

As tipografias escolhidas foram National e Newzald, criadas pelo neozelandês Kris Sowersby.

O livro foi impresso em papel offset alta alvura 90g/m² na gráfica Ipsis, em abril de 2016.

ESTE EXEMPLAR É O DE NÚMERO

DE UMA TIRAGEM DE 1.000 CÓPIAS